



nossa opinião

São Caetano mostra como fazer

Pela terceira vez consecutiva, os dados apontam que São Caetano é a melhor cidade do Brasil para se viver, com um IDH de causar inveja para qualquer outro município.

Isso mostra investimento ao longo das gestões em saúde, educação e na qualidade de vida.

IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal do Brasil) cresceu 47,5% em 20 anos, aponta o Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Ou seja, quase 50% de melhoria entre 1991 e 2010, segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, divulgado anteontem. Não é pouco, apesar de difícil de admitir na cultura brasileira de sempre ver o pior lado da história.

O IDHM do Brasil foi feito e divulgado pela ONU, em parceria com o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e Fundação João Pinheiro e revela um expressivo avanço do Brasil em duas décadas.

Vamos fazer uma conta simples e descartar as peculiaridades da economia, da sociologia e da governabilidade. Mas imaginem que os 50% de melhoria fosse de crescimento de PIB (Produto Interno Bruto). Numa divisão por 20 anos, daria crescimento de 2,5% a cada ano, longe do "pibinho" que economistas dão ao desempenho brasileiro no ano passado e, provavelmente, em 2013, com menos de

1,5%. Ou seja, para simplificar, o país melhorou.

Porém, o quadro apresenta um aspecto que poderia ter melhorado mais. Pior: é o segmento a ser atacado para que se dinamize a melhoria da qualidade de vida das cidades brasileiras. Falamos da educação, que se mantém como o principal desafio do Brasil.

O índice do Pnud é composto por três variáveis e o desempenho de uma determinada localidade é melhor quanto mais próximo o indicador for do número um. São esses, a expectativa de vida/longevidade, a renda média de cada trabalhador e o nível de educação em que a maioria da população alcança. Pois bem, o sub-índice educação, uma das variáveis que compõe o IDHM, é o que mais puxa para baixo o desempenho das cidades brasileiras. Em 2010, a educação teve uma pontuação de 0,637, enquanto os sub-índices renda (0,739) e longevidade (0,816) alcançaram níveis maiores.

E como se trata de Brasil, nada mais contraditório e com milhares de questões a serem respondidas. Embora seja o componente com pior marcação, foi na educação que mais houve avanço nas duas últimas décadas, ressaltaram os pesquisadores. O componente da longevidade e o de renda foram subindo em números expressivos. Mostra um Brasil saindo do desenvolvimento. Agora é investir em planejamento e ação educacional.

